

## NAUFRÁGIO CURRICULAR

O rei Gustavo Adolfo da Suécia, para defender-se de seus inimigos, decidiu criar o mais poderoso navio de guerra. Importou os melhores construtores navais, e os cofres públicos foram sangrados para produzir um barco invencível. Mas o rei queria ainda mais invencível e mandaram instalar mais um convés superior, com mais peças de artilharia.

O navio, com o nome de VASA enfunou as velas no século XVII e, sob um vento suave, singrou a baía de Estocolmo. Mas, subitamente, apenas deixando o porto, vira e afunda. Era instável, pelo excesso de canhões e pela falta de lastro.

Muitas vezes nossos doutos educadores e autores de livros didáticos criam currículos invencíveis. Tudo que pode ser importante é nele anexado. E, como há cada vez mais coisas importantes, o currículo vai ficando mais pesado e mais invencível. E como o VASA, os afundam sob o peso de tantos conhecimentos e de tantas informações preciosas.

E, nas profundezas ignotas dos oceanos intelectuais, naufraga sua educação. O Ministério da Educação até enxugou os nossos currículos, mas, no trajeto até a sala de aula, o terreno é minado. Para autores e professores, é um desdouro que até mesmo os alunos geniais possam entender tudo o que se ensina.

O preço de um currículo entulhado de informações que isoladamente podem ser úteis e até interessantes é que não sobre tempo para ser educado. É preciso pisar no acelerador para ouvir falar de tudo. Como não há tempo para aprender, de certa forma, o aluno procura decorar sem se importar com a essencialidade do necessário e alguns não sabem como aplicar aquilo que decoraram. Aprender é uma consequência de refletir o que está sendo apresentado em sala de aula.

A visão convencional é que adquirimos um conhecimento e depois aprendemos a usá-lo. Trágico engano. Aprendemos somente pelo ato de pensar no que estamos aprendendo. E o conhecimento só é realmente adquirido quando podemos pensar usando o que foi aprendido.

Mas o nosso VASA curricular não deixa tempo para que isso aconteça. Resta aos alunos a lembrança de haver ouvido falar de muitos fatos e muitas teorias. O preço da sobrecarga de informações é a falta de profundidade, é a incapacidade de usar o que parecia ter sido aprendido, mas que era um conhecimento inerte, inútil e que não pode ser mobilizado para entender o mundo e resolver problemas.

É preciso coragem para dizer não à avalanche curricular. E muitas vezes um professor individualmente não pode fazê-lo, pois há provas e maratonas curriculares a ser cumpridas a ferro e fogo. Mas é aqui que se define o futuro de um país. Queremos continuar com uma população que ouviu falar de todas as teorias, mas não sabe usar nenhuma? Que recite os ossos do pé e centenas de nomes da taxonomia de Lineu? Ou queremos que entendam um manual de instrução? Tudo esta na internet.<sup>1</sup>

Mas, decidir o que buscar e usar bem o que encontrou é para aqueles que aprenderam a articular o raciocínio. Nossos alunos continuarão tendo o mesmo destino do VASA, com currículos invencíveis e tendo sua educação afundada pelo excesso de peso? Observar e pensar, ensinar a observar deveria ser tarefa número um da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação. O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado.

---

<sup>1</sup> Ela foi desenvolvida por [Carolus Linnaeus](#) (Conhecido normalmente como Carl von Linné, ou em português como Carlos Lineu) no [Século XVIII](#) durante a grande expansão da história natural. A taxonomia de Lineu classifica as coisas vivas em uma [hierarquia](#), começando com os [Reinos](#). Reinos são divididos em Filos. Filos são divididos em classes, então em ordens, famílias, gêneros e espécies e, dentro de cada um em subdivisões. Grupos de organismos em qualquer uma destas classificações são chamados *taxa* (singular, [taxon](#)), ou *phyla*, ou *grupos taxonômicos*.